

**DADOS DO DOCUMENTO**

**TÍTULO:** Novo documento sobre a morte de Vladimir Herzog

**DATA DE PRODUÇÃO:** 23 de janeiro de 1976

**ORIGEM DO DOCUMENTO:** Sindicato dos Jornalistas

**GRAU DE SIGILO:** Não Consta

**NÚMERO DE PÁGINAS:** 12

**DESCRIÇÃO:**

O documento é uma análise com o levantamento dos fatos que permeiam a morte de Vladimir Herzog.



HERZOG

SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO  
Rua Rego Freitas, 530 - soroceloja - tel. 257-1633 - São Paulo

Ed

NOVO DOCUMENTO SOBRE A MORTE  
DO JORNALISTA VLADIMIR HERZOG

Os advogados que acompanham o caso da morte do jornalista Vladimir Herzog enviaram ontem à Auditoria Militar o texto de um depoimento prestado pelo jornalista Rodolfo Konder, que esteve preso no DOI na mesma época do trágico acontecimento. Os advogados requereram que seja juntado aos autos do processo aquele depoimento, prestado na presença dos srs. Prudente de Moraes, neto, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Gofredo da Silva Telles Junior, professor catedrático da Faculdade de Direito da USP, Hélio Pereira Bicudo, Procurador da Justiça, padre Olivo Caetano Zolin, e dos advogados José Carlos Dias, José Roberto Leal de Carvalho, Arnaldo Malheiros Filho e Maria Luiza Flores da Cunha Bierrenbach.

Os advogados, em sua petição, destacam que o depoimento "é da maior importância para o prosseguimento de investigações" e reiteram ao mesmo tempo o pedido de vista do inquérito, formulado no dia 19 de dezembro.

É a seguinte a íntegra do depoimento do jornalista Rodolfo Konder, cuja cópia foi encaminhada, também ontem, ao Sindicato dos Jornalistas:

Às dezesseis horas e dez minutos do dia 7 de novembro de 1975, na presença do Doutor PRUDENTE DE MORAES, neto, do Professor GOFREDO DA SILVA TELLES JÚNIOR, do Doutor HÉLIO PEREIRA BICUDO e do Padre OLIVO CAETANO ZOLIN, no escritório de Advocacia dos Dra. JOSÉ CARLOS DIAS, MARIA LUIZA FLORES DA CUNHA BIERRENBACH, JOSÉ ROBERTO LEAL DE CARVALHO E ARNALDO MALHEIROS FILHO, presentes os mesmos, na Av. São Luís, 50, conjunto 211-C, compareceu RODOLFO OSVALDO KONDER, brasileiro, desquitado, jornalista, o qual prestou as seguintes declarações: Às seis horas da manhã do dia vinte e quatro de outubro do corrente, tocaram a campainha de minha casa, e quando fui atender, vi que eram tres agentes da Polícia, os quais me disseram que eu deveria acompanhá-los para prestar alguns esclarecimentos. Fui levado numa caminhonete até as dependências do DOI, na Rua Tomás Carvalhal, 1030 endereço este que vim a conhecer posteriormente. Na entrada colocaram-me um capuz de pano ~~preto~~ preto na cabeça e me levaram para o interior do DOI. Lá dentro me fizeram ~~tirar~~ tirar a roupa e me deram um macacão do Exército, e eu fiquei sentado ~~a~~ num banco com o macacão e o capuz. Fiquei cerca de uma hora esperando, tempo que eu não posso calcular com certeza por terem-me tirado o relógio, e fui chamado para o interrogatório. Fui levado para o primeiro andar, pois estava no térreo, e alguém começou a me fazer ~~per~~ perguntas sobre minhas atividades políticas. Esta // pessoa eu não posso identificar porque eu estava com o capuz na cabeça. Ela começou a se exasperar e me fazer ameaças, porque não estava satisfeita com as respostas que eu dava, e chamou umas duas pessoas para a sala de interrogatório, pediu que uma delas trouxesse a "pimentinha", que é uma máquina de choques elétricos e a partir daí eu comecei a ser torturado. Uma pessoa que mais tarde, // ~~e~~ pela voz eu identifiquei como chefe da equipe, e era forte, barrigudo, moreno, de cara // respada. Este homem me batia com as mãos e gritava que ~~ela era um animal, e que eu achei muito~~

~~que~~ ~~1,~~ ~~digo~~ ele era um anormal, o que eu achei mu  
to estranho. Depois instalaram nas minhas mãos, a  
marrando no polegar e no indicador as pontas de /  
fios elétricos ligados a essa máquina; a ligação/  
era nas duas mãos e também nos tornozelos; Obrigá  
ram-me a tirar os sapatos para que os choques fos  
sem mais violentos. Enquanto o interrogador gira  
va a manivela, o terceiro membro da equipe, com a  
ponta de um fio, me dava choques no rosto, por ci  
ma do capuz e às vezes na orelha, para isso levan  
tando um pouco o capuz, para que o fio alcançasse  
a orelha. Para se ter uma idéia de como os choques  
eram violentos, vale a pena registrar o fato de/  
que eu não pude me controlar e defequei, e ~~frequ~~  
frequentemente perdia a respiração. Essa cena dan  
tesca durou até a hora do almoço, embora eu já ex  
tivesse disposto a dizer tudo o que eles queriam/  
que eu dissesse. Houve inclusive um momento em que  
eu gritei que diria o que eles quisessem, mas is  
so não ~~adina,~~ ~~digo~~ adiantou nada. Interroperam a  
sessão para o almoço. O interrogador disse que es  
tava com fome, ele ~~dive,~~ ~~digo~~ devia ter se senti  
do estimulado pela sessão. A ~~seguint,~~ ~~digo~~ seguir/  
eu fui levado novamente para o andar térreo, com/  
ordens do interrogador para que não me dessem co  
mida. Depois do almoço, não sei exatamente a que  
horas, eu fui novamente levado para o primeiro an  
dar, onde prestei meu primeiro depoimento, que du  
rou até o fim da tarde. Voltei para o térreo, on  
de fiquei sentado nesse banco de madeira, até a  
noite do dia seguinte. As primeiras quarente e oi  
to horas eu passei sentado neste ~~band,~~ ~~digo~~ ban  
co de madeira, com o capuz enfiado na cabeça. No  
sábado de manhã, percebi que Vladimir Herzog tин  
tinha chegado. Como o capuz é solto, por baixo de  
le, quando a vigilância não é severa, pode-se ver  
os pés das pessoas que estão perto. Ao meu lado//  
estava sentado George Duque Estrada, do "Estado//  
de S. Paulo", e eu comentei com ele que Vladimir/  
Herzog estava ali presente, isto porque Vladimir/

5.

~~isto pr, digo porque~~ Vladimir Herzog era muito meu amigo e nós comprávamos sapatos juntos, e eu o reconheci pelos sapatos. Algum tempo depois Vladimir foi retirado da sala. Nós continuamos sentados lá/ no banco, até que veio um dos interrogadores e levou a mim e ao ~~Duque Esta, digo~~ Duque Estrada a uma sala de interrogatório no andar térreo, junto à sala em que nós nos encontrávamos. Vladimir estava lá, sentado numa cadeira, com o capuz enfiado, e já de macacão. Assim que entramos na sala, o interrogador mandou que tirássemos os capuzes, por isso nós vimos que era Vladimir, e vimos também o interrogador, que era um homem de trinta e tres a trinta e cinco anos, com mais ou menos um metro e setenta e cinco de altura, uns 65 quilos, magro mas musculoso, cabelo castanho claro, olhos castanhos apertados e uma tatuagem de uma âncora/ na parte interna do antebraço esquerdo, cobrindo/ praticamente todo o antebraço. Ele nos pediu que/ disséssemos ao Vladimir "que não adiantava sonegar informações". Tanto eu como Duque Estrada, de fato aconselhamos Vladimir a dizer o que sabia, inclusive porque as informações que os interrogadores ~~de~~ ~~sejam, degi digo~~ desejavam ver confirmadas já tinham sido dadas por pessoas presas antes de nós./ Vladimir disse que não sabia de nada e nós dois fomos retirados da sala e lavados de volta ao banco de madeira onde antes nos encontrávamos, na sala// contígua. De lá, podíamos ouvir nitidamente os gritos, primeiro do interrogador e depois de Vladimir e ouvimos quando o interrogador pediu que lhe trouxessem a "pimentinha" e solicitou ajuda de uma e-/ equipe de torturadores. Alguém ligou o rádio, e os gritos de Vladimir se confundiam com o som do rá-/ dio. Lembro-me bem que ~~durand, digo~~ durante esta fase o rádio dava a notícia de que Franco havia recebido a extrema-unção, e o fato me ficou gravado, pois naquele mesmo momento Vladimir estava sendo// torturado e gritava. A partir de um determinado momento, ~~e sem da voz de Vladimir se modificou, como se tivessem inter~~

a voz de Vladimir se modificou, como se tivessem / introduzido alguma coisa em sua boca; sua voz ficou abafada, como se lhe tivessem posto uma mordenga. Mais tarde os ruídos cessaram. Depois do almoço, não sei exatamente a que horas, o mesmo interrogador veio me perguntar sobre uma reunião política na minha casa, realizada em 1972, com a presença de um homem de cabelos grisalhos. Eu não me ~~lembro~~, ~~lembra~~, lembrava dessa pessoa, embora me ~~lembra~~ lembrasse de um único encontro realizado em minha casa naquele ano, com a presença de uma outra pessoa, esta de cabelos escuros. O interrogador saiu novamente da sala e dali a pouco voltou ~~para~~ ~~em~~ ~~di~~ para me apanhar pelo braço e me levar até a sala onde se encontrava Vladimir, permitindo mais/ uma vez que eu tirasse o capuz. Vladimir estava // sentado na mesma cadeira, com o capuz enfiado na cabeça, mas agora me parecia particularmente nervoso, ~~as mãos~~ ~~de~~, ~~di~~, as mãos tremiam muito e a voz era débil. Então o interrogador pediu a Vladimir que me falasse a respeito dessa reunião. Ele // disse: "me parece que tinha lá um homem de cabelos/ grisalhos", e eu disse: "até onde eu me lembro, // Vlado, era um sujeito de cabelos escuros". Vladimir então respondeu: "é possível que sim; eu estou muito confuso". O interrogador então fez um gesto/ para que nós - eu e o interrogador - saíssemos novamente. Na hora de sair da sala, eu fiz um gesto/ com a mão para o interrogador, pedindo-lhe que esperasse um segundo, e antes de sair me aproximei de Vladimir e apertei o seu ombro, num gesto de amizade. Levado de volta para a sala contígua, esperei/ algumas horas até que George Duque Estrada e eu fomos novamente chamados, dessa vez para uma sala no primeiro andar, onde o mesmo interrogador, muito// nervoso, nos ditou uma declaração, em que dizíamos ter convencido Vladimir Herzog a prestar espontaneamente seu depoimento. De lá voltamos para a sala de espera, de onde saímos de madrugada para uma cela. Na manhã do dia seguinte, domingo, fomos chamados, Duque Estrada, eu, Paulo Sérgio Markun e

~~fomos chamados~~, Duque Estrada, eu, Paulo Sérgio Markum e Anthony de Christo, primeiro para escrever// o que sabíamos sobre os hábitos particulares de Vladimir Herzog, e depois para ouvirmos uma preleção sobre a penetração russa no Brasil, feita por um homem que me pareceu o principal responsável pela análise das informações colhidas no DOI. Este// cidadão, acompanhado pelo "Doutor Paulo", um japonês de cerca de quarenta e poucos anos, magro, um metro e setenta de altura, e de um interrogador de cerca de vinte e cinco anos, alourado, magro, e alto, com ~~mais ou menos~~ ~~é~~ mais ou menos um metro e setenta e sete. O homem que me pareceu ser o principal é um homem moreno, rosto redondo, gordo, estatura mediana, e uma barba emoldurando o rosto. Ele primeiro se estendeu sobre a questão da espionagem russa no Brasil, e depois nos comunicou que Vladimir Herzog se suicidara na véspera, para concluir que Vladimir devia ser um agente da KGB, sendo ao mesmo tempo "o braço direito do governador Paulo Egydio". Markum tentou contestar isto, dizendo que Vladimir jamais estivera pessoalmente com o governador Paulo Egydio, sequer o conhecia, mas o homem ~~nis~~ ~~é~~ insistiu irritado, dizendo que ~~as~~ nós não sabíamos de nada. Desenvolveu a tese fantástica de que em todos os países há sempre tres comunistas inteiramente desconhecidos que estão acima do mais importante membro do Partido Comunista local. Estes tres dirigentes serão sempre "pessoas acima de qualquer suspeita" e podem ser "um General de Exército, um Governador ou um Juiz". Declara ainda que as coisas iam piorar e que "nem o governo vai aguentar o tranco". Encerrada a conferência surrealista, fomos levados, todos muito assustados, de volta para as celas. Na manhã de segunda-feira, recebemos instruções para fazer um requerimento ao comandante pedindo autorização para comparecermos ao enterro de Vladimir Herzog. Se fizéssemos o requerimento, poderíamos inclusive// dormir em casa naquela noite. Essa vantagem ~~me foi~~

~~Essa vantagem~~ ~~dego~~ essa vantagem me foi prometida depois que eu reutei em assinar o requerimento, isso porque temia alguma motivação oculta existente por trás do convite. No enterro, tomamos conhecimento - Duque Estrada e eu - da nota do Segundo Exército em que éramos apresentados como os "delatores" de Vladimir Herzog. De volta ao DOI, na manhã de terça-feira, onde nos apresentamos espontaneamente às oito horas da manhã, iniciamos uma série de protestos exigindo a retificação da nota, protestos estes limitados ao que seria possível lá dentro. (A esta altura retirou-se por compromissos particulares o Doutor HÉLIO PEREIRA BICUDO, que ~~dego~~ neste momento assina as folhas até o momento datilografadas). Um dos ~~inter~~ ~~dego~~ ~~um~~ dos interrogadores ~~exclato~~ ~~dego~~ esclareceu que a nota fôra redigida no comando do Segundo Exército, e não no DOI, daí a razão dos seus "erros". Depois, quando finalmente reclamamos com o "Doutor Paulo", ouvimos dele alguma coisa que nos soou// como uma advertência e até mesmo uma ameaça: ~~dego~~ ~~dego~~ ele nos disse que a nota do Segundo Exército nos havia colocado numa situação extremamente perigosa, porque a qualquer momento poderíamos ser "justiçados" por elementos do Partido Comunista. A partir deste momento, Duque Estrada e eu nos sentíamos permanentemente ameaçados, por termos compreendido que a nossa morte poderia servir inclusive de pretexto para novas ações repressivas; sob a alegação de que havíamos sido assassinados por membros do Partido Comunista. De terça-feira até sexta-feira fui interrogado várias vezes, embora eu e os demais jornalistas que lá se encontravam presos não fôssemos mais torturados, mas ouvíamos constantemente gritos de outros presos sendo torturados. Na sexta-feira à tarde, fomos retirados - Duque Estrada e eu - da cela, tivemos autorização para fazer a barba e saímos do DOI numa caminhonete, acompanhados de mais três policiais. ~~Nessa ocasião permitiram que vestíssemos~~

Nessa ocasião permitiram que vestíssemos nossas ro roupas, em lugar dos macacões que até então usáva-  
 mos. Fomos então levados ao comando do Segundo E-  
 xército. Lá, enquanto Duque Estrada aguardava, fui  
 conduzido a uma sala onde se encontravam o General  
 Cerqueira Lima, tres Coronéis, um Procurador Milit-  
 tar, que depois fiquei sabendo chamar-se Durval A-  
 irton Moura Araújo, além de um sargento datilógra-  
 fo. Naquele momento ~~eu não sabia que o General Cer-~~  
~~queira Lima era um homem ligado ao Presidente Gei-~~  
~~sel, ou aos grupos, DISO, naquele momento eu não//~~  
 sabia se o General Cerqueira Lima era um homem li-  
 gado ao Presidente Geisel, ou aos grupos da ultra-  
 -direita do Exército. Além disso, sabia que volta-  
 ríamos ao S, ~~digo ao~~ DOI após nosso depoimento. Por  
 isso adotei uma linha cautelosa no relato do que  
 se passara conosco. Disse, como preliminar, que///  
 minha disposição era a de não me ligar a ativida-  
 des políticas de cunho ilegal e disse ainda acredi-  
 tar que sem uma participação decisiva das Forças//  
 Armadas não me parecia possível ao Brasil superar/  
 as barreiras do ~~subdesenvolvi-~~ ~~digo~~ subdesenvolvi-  
 mento. ~~Após, digo~~ Após esse preliminar, relatei//  
 meus dois contatos com Vladimir nas dependências//  
~~do DOI, em, digo~~ do DOI. Omiti no entanto referên-  
 cias aos seus gritos e à tortura. O Procurador me  
 perguntou se eu havia sido torturado. Minha respo-  
 ta foi o silêncio, enquanto nos olhávamos fixamen-  
 te nos olhos. Depois me perguntaram se acreditava/  
 que Vladimir pudesse ter cometido o suicídio. Res-  
 pondi que acreditava nessa possibilidade. Pergunta-  
 ram-me então porque eu acreditava nisso. Expliquei  
 que ele (Vladimir) passara a primeira infância fu-  
 gindo das hordas nazistas que caçavam os judeus na  
 Europa e que agora, trinta anos depois, poderia //  
 ter entrado em pânico, ao ter a sensação de que//  
 finalmente os nazistas o haviam capturado. ~~Encer-~~  
 Encerrado o depoimento, saí da sala para que Du-/  
 que Estrada pudesse depor. Ao voltar para assinar  
~~os pa, digo~~ os papéis, o General Cerqueira Lima ~~me~~  
~~pegou, digo me pegou pelo braço e falando em voz~~

me pegou pelo braço, e falando em voz baixa me pediu para repetir o que eu havia dito como preliminar. Depois, disse de maneira amável que se empenharia pessoalmente ~~em, digo,~~ para que a nota do Segundo Exército fosse retificada e se corrigisse a injustiça de se apresentar a mim e a Duque Estrada como os delatores de Vladimir Herzog. Agradei e saímos da sala sendo imediatamente levados de volta ao DOI. Não chegamos no entanto a retornar ~~às~~ ~~nossas,~~ ~~digo,~~ à nossa cela. Lá no DOI os carcereiros tinham recebido ordens de nos enviar imediatamente ao DOPS, para onde seguimos naquela mesma ~~em~~ noite. Tres dias depois, digo, no DOPS prestei depoimento, sendo bem tratado. Somente me disseram / que se meu depoimento não coincidissem <sup>com</sup> ~~em, digo,~~ ~~com~~ o prestado no DOI, eu voltaria ao DOI para esclarecer as divergências. Por isso, fiz o possível para que não houvesse divergência alguma. Tres dias depois, juntamente com Duque Estrada, fui posto em liberdade. A SEGUIR, A PERGUNTAS FORMULADAS PELO DOU TOR PRUDENTE DE MORAES, NETO, RESPONDEU: Que os ~~em~~ agentes que o prenderam identificaram-se como sendo da Polícia Federal. Que o macacão que lhe deram para vestir nas dependências do DOI, ~~e exemplo, digo,~~ ~~em~~ a exemplo de todos os outros, ~~não, digo,~~ não tinha cinto. Que as ameaças feitas de início pelo interrogador ao declarante consistiam em dizer que ele iria "entrar no cacete" e que iria "ser lavado lá para baixo", expressão que significava algumas salas em que há instalado "pau-de-arara" e "trono do dragão", que é uma cadeira com assento metálico onde as pessoas são colocadas despidas e recebem violentos ~~em, digo,~~ choques. Que outros presos que estavam lá referiram ao declarante a existência de um instrumento de tortura denominado "cacete elétrico", que é um bastão que se introduz no ânus para aplicação de choques elétricos. Que imediatamente antes do início das torturas, o interrogador chamou outras pessoas, que pelas vozes o declarante ~~id, digo,~~ ~~reconheceu~~ como sendo mais duas

reconheceu como sendo duas pessoas, mas não ouviu/ seus nomes serem pronunciados. Que pôde dar a descrição física ~~de q, diga~~ do chefe da equipe, que se dizia um anormal porque em outras oportunidades teve contato com o ~~mem, diga~~ mesmo estando sem capuz, e reconheceu sua voz. Que o interrogador de Vladimir Herzog vestia camiseta branca de gola olímpica e mangas curtas, e uma calça de brim que lhe pareceu ser do uniforme do Exército. Que nos contatos que teve com esse interrogador após o enterro de Vladimir, este se apresentava sempre com o braço esquerdo colado ao tronco, escondendo a tatuagem de uma âncora que tinha na parte interior do antebraço esquerdo. Que nas primeiras vinte e quatro horas em que esteve preso não recebeu nenhum alimento, mas / depois disso recebeu alimentação regular. Que quando o declarante, antes do enterro de Vladimir foi autorizado a fazer a barba, deram-lhe um aparelho com lâmina de barbear, mas ficou ao seu lado um / agente fiscalizando. Que o declarante, da mesma // forma que todos os outros presos que teve oportunidade de ver nas dependências do DOI, foi deixado apenas com o macacão, o capuz e os sapatos, sendo que das pessoas que usavam sapatos com cordão / para amarrar, os cordões eram retirados, não ficando qualquer instrumento que pudesse ser usado contra a vida. Que nas celas os presos não dispunham de lápis ~~e pa, diga~~ papel, somente encontrando estes utensílios nas salas apropriadas em que os interrogadores ditavam declarações para que os presos as redigissem de próprio punho. Que nos casos em que as declarações de próprio punho não eram dadas, ficava sempre um agente ao lado, fiscalizando. A PERGUNTAS DO PROFESSOR GOFREDO DA SILVA TELLES JÚNIOR, RESPONDEU: Que as declarações manuscritas eram recolhidas tão logo terminadas. Que as respostas dadas pelos presos na sala de torturas ~~em, diga~~ eram anotadas pelo interrogador e posteriormente datilografadas. Que em seguida, tendo à mão o relatório datilografado do interrogador o detento ~~era obrigado a escrever uma declaração manuscrita~~



que estiveram presos no DCI na mesma época em que o declarante, esteve preso em cela especial. Que pôde ver a máquina denominada "pimentinha" nas diversas vezes em que esteve sem capuz, sendo que a mesma não era escondida pelos policiais. NÃO havendo/mais perguntas a serem formuladas, foi este termo lido em voz alta para todos os presentes, que não tiveram nada a objetar e por isso o assinam no original e em uma cópia feita a carbono; sendo que o original permanecerá em poder dos advogados do declarante e a cópia é neste ato depositada em mãos do Padre OLIVO CAETANO ZOLIM.

*Rodolfo Osvaldo Konder*

RODOLFO OSVALDO KONDER

*Prudente de Moraes, Neto*

PRUDENTE DE MORAES, NETO

*Gofredo da Silva Telles Junior*

GOFREDO DA SILVA TELLES JÚNIOR

*Olivo Caetano Zolim*

OLIVO CAETANO ZOLIM

*Jose Carlos Dias*

JOSE CARLOS DIAS

*Maria Luiza Flores da Cunha Bierenbach*

MARIA LUIZA FLORES DA CUNHA BIERRENBACH

*Jose Roberto Leal de Carvalho*

JOSE ROBERTO LEAL DE CARVALHO

*Arnaldo Malheiros Filho*

ARNALDO MALHEIROS FILHO